

Da Vinda da Família Real Portuguesa à Abdicação de Dom Pedro I

Hoje, no jornal, falaremos sobre a vida de D. Pedro I. Para entender mais sobre a vida dele, fizemos uma pesquisa, contando tudo sobre a trajetória da família da Majestade, suas conquistas, lutas, independência e tudo o que podem imaginar. Ainda teremos uma entrevista com a própria Majestade, D. Pedro I. Venham conferir.

Tudo começou com passado agitado de D. João IV, quando Napoleão invade Portugal. D. João foge para o Brasil junto a Família Real. Era a única forma de manter a coroa em suas mãos, com isso, aconteceram várias conquistas, como a queda do Pacto Colonial, vários investimentos para tirar a cara de colônia do Brasil, até que o Brasil deixou de ser colônia, mas com todos esses investimentos que D. João estava fazendo, criou gastos e aumentou seus impostos, para também sustentar a corte. Contudo, gerou insatisfação dos pernambucanos que pensavam que D. João não dava atenção a eles, e decidiram se separar do Brasil, porém isso não aconteceu. D. João sufocou o movimento. Nessa época a mãe da Vossa Excelência morre, e ele não foi coroado, pois havia dois acontecimentos com os quais precisava se preocupar, a Revolta dos Pernambucanos e o casamento de seu filho D. Pedro.

Para saber mais da continuação da vida de D. Pedro, confira agora a entrevista, com a Majestade.

(J.S.T)- Bom dia Vossa Majestade, agradecemos por estar aqui, e fazer essa entrevista para o Jornal Sabe Tudo.

(D.P.I)- Oh, mas é claro, nem precisa agradecer, é um privilégio estar contando mais sobre minha vida para todos, o prazer é todo meu.

(J.S.T)- Se não se incomodar começarei as perguntas. Conte para nós como foi, quando seu pai, D. João IV, vai para Portugal jurar a constituição porque se não voltasse iria perder o trono.

(D.P.I)- Quando meu pai chega em Portugal, jura novamente a constituição e deixa de ser rei absolutista e Portugal passa a ser governado pela corte, e eu fico governando o Brasil, para não ficar sem ninguém (Silêncio).

(J.S.T)- Quando um mensageiro chega com uma carta de M. Leopoldina com notícia de que os portugueses estavam invadindo o Brasil, e na carta dizia que era pra Vossa Majestade proclamar a independência. Como foi proclamar a independência? E como foi que aconteceu quando as tropas portuguesas invadiram?

(D.P.I)- Vou te dizer que foi sufocante, pois meus brasileiros queridos descobriram sobre os interesses da corte portuguesa, a recolonização porque as riquezas que iam para Portugal, não estavam indo mais para lá, então entraram em uma crise econômica, e queriam que queriam a recolonização, então por isso os

brasileiros exigiram independência. Também os portugueses não gostaram que D.João VI tivesse ido para Portugal e me deixado aqui, pois nessa situação fiquei dividido se iria para Portugal ou ficaria aqui no Brasil. Então, recebi do Brasil um documento com 8.000 assinaturas para ficar aqui, e aí pensei “se eu ficar no Brasil, eu posso ser Rei, tenho muitas pessoas do meu lado e em Portugal não serei ninguém”. E decidi ficar no Brasil. Porém, quando essa notícia chega em Portugal, os portugueses ficaram revoltados e falaram “ou você volta agora para Portugal ou iremos invadir o Brasil”, não voltei e então as tropas portuguesas invadem Brasil e quando soube, imediatamente proclamei a independência!

(J.S.T)- Vossa Majestade é bem intrigante tudo isso. (Risos). Com todas essas coisas acontecendo, como disse nas respostas anteriores, afinal quais eram os motivos para que acontecesse a Revolução Liberal do Porto?

(D.P.I)- Ora pois, eram vários motivos para que eles, os portugueses, quisessem a revolução, um dos motivos era que os portugueses sentiam-se abandonados pelo rei D.João, outro foi que as riquezas do Brasil não estavam mais indo para Portugal, suposta crise econômica, tinha também o fato de eles ainda sentirem os efeitos da crise originada pela guerra contra a França, ou seja, sentiam as consequências da guerra, o último era que os portugueses estavam cansados de serem dominados pelos ingleses, essa situação levou os portugueses a organizarem as cortes, deputados, que fizeram a revolução.

(J.S.T)- Os brasileiros sabiam de todas as propostas da revolução, que eram acabar com o poder absolutista em Portugal e ser uma monarquia constitucional e a princípio os brasileiros apoiaram? Por quê?

(D.P.I)- Sim, os brasileiros apoiaram, pois não sabiam que os portugueses queriam a recolonização do Brasil, mas, sim só se tornar uma monarquia constitucional, ou seja, uma mudança, o rei (risos), continuaria existindo, porém teria, também que obedecer às ordens da corte, por isso os brasileiros apoiaram, pois se sentiam iguais aos portugueses e acreditavam que tudo o que acontecia em Portugal, aconteceria no Brasil.

(J.S.T)- A Assembleia Constituinte faria as regras do Brasil independente. Quando as regras ficaram prontas, eles, assembleia, levaram para a Vossa Majestade e o senhor não gostou. Por que Vossa Majestade não gostou?

(D.P.I)- (Risos) Obviamente não gostei! Eles, os deputados, estavam querendo tomar meu poder, fiquei extremamente irritado, porque quem mandaria no país seriam os deputados, se eu quisesse aumentar os impostos, declara guerras e tudo mais, teria que pedir para os deputados, um absurdo, não é mesmo?

(J.S.T)- Não posso expressar minha opinião pelo jornal (risos e silêncio após). O senhor, Majestade, falou para os deputados saírem do prédio, mas eles falaram que não saíram, e então o que aconteceu após isso?

(D.P.I)- Ah, mandei prendê-los e alguns foram exilados, mas antes mandei as tropas para cercarem o prédio. E logo após isso fui escolher outro grupo de confiança para reelaborar a constituição, então, escolhi pessoas que fizessem a constituição do meu jeito!

(J.S.T)- Mas nos explique o que foi a Noite da Agonia.

(D.P.I)- Ah, a Noite da Agonia foi a noite do dia em que houve a dissolução da Assembleia Constituinte do Brasil, pois os “Liberais” eram a maioria dentro a assembleia e estavam dominando a constituição. Mas como disse na pergunta antecedente, como eu era o líder não aceitei o fato e mandei as minhas tropas cercaram os deputados e alguns foram exilados.

(J.S.T)- Muito interessante Majestade.(silêncio). Nona pergunta agora, se não se incomodar de responder. Logo após a outorga da constituição, pelo senhor, o imperador, a elite pernambucana iniciou uma revolta contra o governo. Qual era a proposta da revolta dos pernambucanos contra o governo?

(D.P.I)- Ora pois, a proposta dos pernambucanos era separar-se do resto do país, ou seja, separar-se do Brasil e criar uma confederação republicana, reunindo as províncias do nordeste, e foi assim, em represália ao governo do Rio de Janeiro que foi proclamada a Confederação do Equador, mas óbvio que não deixei acontecer, cortei o movimento, logo quando soube.

(J.S.T)- A última, com a morte de D. João VI, o senhor deveria ser o rei de Portugal, no entanto, os brasileiros não admitiriam uma nova união entre Brasil e Portugal. Diante disso, Vossa Majestade abdica ao trono de Portugal em nome de sua filha Maria da Glória, mas era menor de idade, portanto, não poderia assumir o trono. D. Miguel, seu irmão deveria casar-se com a sobrinha e assumir o trono como príncipe regente até a maioridade da menina. Contudo, seu irmão deu um golpe. Qual foi o golpe que ele deu, e o que Vossa Majestade fez diante disso?

(D.P.I)- Olha, meu irmão era bem dos espertinhos, ele deu o golpe e se apropriou do trono e ainda mais apoiado pelo seu grupo de absolutistas portugueses. Mas diante disso, lógico que reuni recursos no Brasil e iniciei uma guerra contra meu irmão em Portugal, mas infelizmente essa minha atitude desagradou ainda mais os brasileiros, aumentando minha impopularidade.

(J.S.T)- Adoramos saber mais, e gostaríamos que voltasse mais vezes para contar muito mais. Lembrar-se dessas histórias com detalhes que o senhor nos contou, foi maravilhoso. Ficamos muito honrados com Vossa Majestade aqui hoje, agradecemos sua atenção!

(D.P.I)- Foi muito bom também relembrar tudo com vocês, gosto bastante de contar histórias, então foi um prazer. Pode ter certeza que volto mais vezes, gostei bastante, obrigada eu.

Gabriela Fiorani – 9º ano

